



Florescimento da cana: Um buquê de prejuízos

Aos olhos de um leigo, um canavial florescido pode parecer uma bela imagem, pela estrutura longilínea e semelhante a uma pluma com que as flores se apresentam. Para quem atua no setor sucroenergético e vê na cana-de-açúcar uma fonte para o abastecimento de etanol, açúcar e biomassa, entretanto, os pequenos buquês são sinônimo de preocupação e menor produtividade.

“O florescimento é um fenômeno natural em qualquer planta, mas que nesse caso se torna negativo, porque você transforma parte da energia em flor que não tem valor agrônômico”, explica o professor da Escola Superior de Agricultura da Universidade de São Paulo (USP/Esalq), José Otávio Menten, que também preside o Conselho Científico para Agricultura Sustentável (CCAS).

Com o florescimento, os colmos da planta param de emitir novos entrenós e começam a se “isoporizar”, reduzindo consideravelmente a densidade e o peso da produção. Foi o que aconteceu no ano passado, quando pelo menos 25% da quebra de safra pode ser associada a esse problema. Conforme aponta a Canaplan, a intensa floração foi causa de 39% das perdas na última safra. Para este ano, a expectativa é atingir um patamar menor, embora já se tenha relatos de reincidência.

“A emissão das flores está atrasada e ocorre em número maior de variedades. Houve uma preocupação maior com o que aconteceu na safra passada e o uso de inibidores cresceu”, argumenta o presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), Luiz Carlos Corrêa Carvalho. Segundo o especialista, das 10 variedades mais colhidas atualmente na Região Centro-Sul, metade são floríferas: SP81-3250, SP83-2847, RB85 5453, RB85 5156 e RB83 5486. As três últimas têm ciclo precoce, com prejuízos menos acentuados se colhidas na época recomendada.

Ainda não existem estimativas consolidadas sobre o impacto do florescimento na safra atual, mas os esforços para manejar variedades com menor propensão e inibir a floração já começaram. Atenta ao impacto do índice de florescimento nos resultados do setor, os centros de pesquisa e a indústria de defensivos têm se movimentado para desenvolver soluções para o problema. A abordagem é geralmente multidisciplinar, uma vez que a floração está relacionada a fatores como potencial genético, fotoperíodo e umidade.

“O período de indução floral é variável de acordo com cada região. No Centro-Sul, por exemplo, acontece entre 15 de fevereiro e 10 de março”, acrescenta o agrônomo da Bayer CropScience, Juliano Barela. Um dos produtos do portfólio da empresa é o Ethrel, que deve ser aplicado durante o período indutivo, inibindo o florescimento de variedades que apresentam esta característica e estão destinadas à colheita em meio e fim de safra. “No caso de variedades não floríferas que sofrem isoporização (os problemas podem ser independentes), a aplicação contribui para minimizar este impacto”, explica o agrônomo. Desenvolvido para assegurar a produtividade tanto em peso (TCH) quanto em açúcar, o Ethrel também evita o aumento excessivo da fibra, diminuindo custos operacionais de colheita e transporte. “Além disso, também proporciona o benefício de uma soqueira mais produtiva no ano subsequente e aumenta a longevidade do canavial”, afirma Barela. Além da inibição do florescimento e do manejo de variedades menos floríferas, uma alternativa para o produtor é a colheita logo no início da safra.

Para José Otávio Mentem, do CCAS, a escolha da melhor solução para combater o florescimento deve ser baseada em dados técnico-científicos bastante consistentes. “Todas as práticas agrícolas precisam ser baseadas nisso. Onde não existir ciência suportando a tomada de decisões é preciso estimular pesquisas”, defende.